

ENTRE USOS E PRÁTICAS: a apropriação sociorreligiosa de redes digitais e os novos fluxos de circulação midiática

BETWEEN USES AND PRACTICES: The Socio-Religious Appropriation of Digital Networks and the New Flows of Mediatic Circulation

Moisés SBARDELOTTO¹

Resumo: A apropriação social das redes digitais gera ambientes de circulação e reconstrução de crenças e práticas religiosas, remodeladas para novas linguagens e dispositivos a partir de lógicas midiaticizadas. Neste artigo, a partir dos usos católicos do Facebook, analisa-se a noção de usos sociorreligiosos de redes digitais, mediante as relações entre tecnologias de comunicação e a sua apropriação por parte de grupos religiosos. Em seguida, reflete-se sobre novas práticas religiosas, como a experimentação religiosa em rede por parte de indivíduos e grupos sociais que dizem o “religioso” midiaticamente para a sociedade em geral, neste caso específico de análise, o “católico”. Como pistas de conclusão, propõe-se que a reconstrução do “católico” em rede, especificamente, aponta para novos fluxos de circulação midiática. Nas redes sociodigitais, o “católico” é uma complexa construção social a partir dos mais variados polos da ação circulatória comunicacional.

Palavras-chave: Redes sociodigitais; usos e práticas; circulação; Facebook; religião.

Abstract: The social appropriation of digital networks creates environments of circulation and reconstruction of religious beliefs and practices, which are remodeled for new languages and dispositifs by mediaticized logics. In this article, from the Catholic uses of Facebook, we analyze the notion of socio-religious uses of digital networks, by the relations between communication technologies and its appropriation by religious groups. Then it reflects on new religious practices, as the networked religious experimentation by individuals and social groups that mediaticaly say the “Religious” to society in general, in this specific case, the “Catholic”. As conclusion, it is proposed that the reconstruction of the networked “Catholic”, specifically, points to new flows of mediatic circulation. In socio-digital networks, the

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), na linha de pesquisa Mídiatização e Processos Sociais. Bolsista do CNPq. É autor de “E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet” (Ed. Santuário, 2012). É colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br

“Catholic” is a complex social construction from the various poles of the communicational circulatory action.

Keywords: Socio-digital networks; uses and practices; circulation; Facebook; religion.

1 Introdução

As redes sociodigitais favorecem o surgimento de novas relações sociais e o enriquecimento das relações já existentes. Elas também oferecem a possibilidade de que os usuários em geral – instituições e indivíduos – produzam conteúdos midiáticos pública e socialmente, e distribuí-los de forma instantânea. Elas. Nessas redes, a vida social encontra-se em constante pulsação a partir das interações comunicacionais sobre “o que está acontecendo”². Formam-se nelas novos ambientes interacionais da sociedade com a própria sociedade, mediante tecnologias digitais, nos quais conteúdos são produzidos e postos em circulação pelos próprios usuários, e não mais apenas pelas corporações midiáticas. “As interações midiáticas constituem, com efeito, o pivô desses dispositivos, não somente através das múltiplas transações dos utilizadores com os conteúdos, mas também da constituição de redes sociais entre os usuários”, moldando um “tecido extensivo de relações multidirecionais” entre as pessoas (MILLERAND, PROULX & RUEFF, 2010, p. 2)³. Relações sociais e relações de sentido social se articulam, se complementam e se complexificam nessa nova ambiência tecnossocial.

Nas interações sociais tecnologicamente mediadas, manifestam-se lógicas midiáticas nas práticas dos indivíduos, lógicas estas que envolvem também as estratégias de instituições sociais como a Igreja. Instituições e indivíduos religiosos, assim, precisam se reposicionar nesse novo cenário e vão sendo impelidos pela nova complexidade social a modificar suas estruturas comunicacionais e sistemas internos e externos de significação do sagrado em sociedade. Nessa interface específica do processo de midiática digital – a saber, o fenômeno religioso –, vemos cada vez mais a apropriação das redes digitais como ambientes de circulação e reconstrução de sentidos, crenças e práticas religiosas, remodeladas para novas linguagens e dispositivos. “A religiosidade online, ao desencadear mudanças na

² Em duas das principais redes sociodigitais, o Twitter e o Facebook, essa expressão encontra-se *ipsis litteris* em suas páginas principais. O Twitter afirma: “Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam” (grifo nosso). Já no Facebook, o usuário se depara com a seguinte pergunta: “O que está acontecendo, [nome do usuário]?”.

³ Todas as citações de obras estrangeiras neste artigo são de tradução nossa.

experiência religiosa tradicional, transforma também o caráter da própria religião, sendo tanto sinal quanto produto da mudança” (SBARDELOTTO, 2012, p. 104).

O religioso passa a circular nos meandros da internet por meio de uma ação não apenas do âmbito da “produção” eclesial ou midiática, mas também mediante uma ação comunicacional dos inúmeros pontos (usuários, tecnologias, sentidos) da rede. Não apenas as instituições eclesiais, nem somente as corporações midiáticas, mas também a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos da internet, falam sobre e fazem algo com o “religioso” – em um processo simultâneo de “procepção” (produção-recepção).

Em nosso caso específico, interessamo-nos por uma faceta desse religioso, a saber, o catolicismo⁴. Na internet, os fluxos de sentido em rede moldam e fazem circular comunicacionalmente (por meio de imagens, textos, vídeos etc.) construtos sobre o “católico”, ou seja, construtos simbólicos que a sociedade como um todo considera como relacionados às crenças e às práticas da Igreja Católica. Contudo, não nos interessa analisar que “católico” é esse, mas sim como ele se forma e se constitui – isto é, os processos comunicacionais envolvidos nessa ação social. Por isso, neste artigo, nos valeremos da análise de uma rede social digital específica, o Facebook, nas qual usuários individuais e coletivos de usuários se congregam, por exemplo, nas chamadas “páginas” que se referem ao “católico”. Nelas, buscaremos traços e marcas deixados pelos usuários nas redes digitais que apontam não apenas para as suas crenças religiosas (manifestadas em seu discurso social), mas também para as suas práticas situadas e contextualizadas.

Assim, a partir dos usos católicos do Facebook, analisaremos primeiramente a noção de usos sociorreligiosos de redes digitais, ou seja, as relações entre tecnologias de comunicação e a apropriação por parte de grupos religiosos. Em seguida, reflete-se sobre novas práticas religiosas, como a experimentação religiosa em rede, por parte de indivíduos e grupos sociais que dizem o “católico” midiaticamente para a sociedade em geral. Como pistas de conclusão, propõe-se que a reconstrução do “católico” em rede aponta para novos fluxos

⁴ O interesse pelo “católico” se deve à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica, especialmente no Brasil. Segundo o IBGE, embora com uma queda marcante desde o século XIX (em 1872, 99,7% da população brasileira era católica), os católicos ainda são a maioria religiosa do país, com 64,6% da população em 2010. Dados disponíveis em: <<http://migre.me/ddYsQ>>.

de circulação midiática. Nas redes sociodigitais e em seu fluxo comunicacional de sentidos incessante, o “católico” é uma complexa construção social a partir dos mais variados polos da circulação comunicacional, em que os indivíduos e as instituições não se detêm mais a papéis fixos de “produção” e “recepção”, mas se constituem enquanto tais justamente em sua “ação circulatória”.

2 Os usos sociorreligiosos de redes digitais

As redes sociodigitais, como no caso do Facebook, tornam-se objetos de análise relevantes para se compreender as relações entre tecnologias de informação e grupos sociais, assim como a evolução das práticas de comunicação nos diversos âmbitos sociais, como por exemplo na religião. A midiatização digital aponta, justamente, para um contexto de remodelagem profunda da paisagem midiática, que perpassa e é perpassada por diversos processos sociais e tecnológicos. Isso se deve, também, à interposição das tecnologias de informação entre as relações humanas e sociais, processo que gera novos regimes de interação e novas situações de comunicação. Não apenas as entidades sociais (grupos, organizações, instituições) estruturam as “comunidades midiáticas”, mas estas últimas também se constituem de maneira relativamente autônoma, impulsionadas por dispositivos sociotécnicos, e moldam, assim, a constituição de novas formas sociais – e também, portanto, religiosas.

As relações sociais hoje se inscrevem na própria concepção do dispositivo tecnológico. As mídias digitais trazem consigo a possibilidade de qualquer pessoa difundir informações em escala mundial com meios relativamente baratos e acessíveis. Assim, as novas plataformas tecnológicas e as novas necessidades e desejos sociais se desdobram em uma evolução gradual e progressiva, deixando para trás um modelo de difusão dos meios de comunicação para novos modelos de participação e cooperação, que se expressam em uma pluralidade heterogênea e complexa de usos e práticas sociotécnicas. As tecnologias digitais de informação integram e articulam as funções de transmissão e de difusão, mas permitem a instauração novas modalidades de interação e comunicação, a partir dos diversos usos sociais que se desdobram sobre elas.

Para Jauréguiberry & Proulx (2011, p. 80), a noção de uso está “associada ao fato de empregar, de utilizar o aparelho técnico, o instrumento, a ferramenta, de uma maneira relativamente autônoma pelo sujeito humano”, do qual emergem rotinas, hábitos, padrões, ou seja, “modos de fazer” com o dispositivo. Portanto, o uso se inscreve, segundo os autores, no tecido social – ao comportar significações sociais – e se insere em uma determinada trajetória pessoal ou social de controle e de apropriação.

Por isso, é preciso perceber que “o uso de uma técnica não é sociologicamente neutro: ele é portador de valores e fonte de significações sociais para o usuário” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011, p. 24). Um sistema sociotécnico surge como uma resposta às necessidades ou desejos da sociedade. Cada tecnologia, portanto, possui uma dimensão ideológica, moral e político-social, ou seja, se desenvolve como dispositivo de distribuição do poder na gestão das associações entre as pessoas. Portanto, as esferas técnica e social estão completamente entrelaçadas no tecido organizacional das ações e das associações entre os agentes: as tecnologias nascem ancoradas no social, e os gestos sociais, por sua vez, se dão ancorados em técnicas e tecnologias.

Um caso dessa hibridação sociotécnica dos usos é a página News.va Português⁵, uma das presenças oficiais da Santa Sé no Facebook. Para além dos usos individuais de cada usuário em seu perfil, trata-se de um uso social da plataforma Facebook, em uma página em que se tornam perceptíveis os usos sociotécnicos realizados pela Igreja e, por sua vez, os usos previstos pela Igreja na sua interação comunicacional com seus possíveis fiéis (Fig. 1).

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/news.va.pt>.



Figura 1 - Detalhe da página News.va Português no Facebook

A plataforma Facebook configura uma determinada interface à Igreja, condicionando seus usos tecnológicos: o título da página, a imagem de capa, o logotipo/foto, a categoria específica (“instituição religiosa”), as possibilidades de interação (publicação de textos, vídeos, fotos, áudios), delimitações todas definidas pelo Facebook, cada uma com suas regularidades específicas. Para fazer uso dessa plataforma, a Igreja precisa se adaptar e obedecer a determinadas limitações para demarcar sua presença. A Igreja se apropria desses elementos, dando-lhes um sentido “religioso”, “católico”, em um espaço público em rede não vinculado diretamente à instituição eclesial.

Por outro lado, no próprio campo “Sobre” da página, percebemos, por sua vez, pistas sobre uma possível arqueologia dos usos previstos pela Igreja nessa página. Diz o texto: “Bem-vindos! Partilhe conosco os vossos comentários e opiniões sobre as notícias de

News.va. Os comentários devem ser referentes aos assuntos tratados, evitando ofensas e falta de respeito; caso contrário serão removidos. Obrigado!” (grifos nossos). Essas marcas discursivas permitem perceber um certo nível de negociação e de configuração dos usos possíveis dos fiéis usuários: partilhar conteúdos, inserir comentários dentro de certos padrões estabelecidos não apenas pelo Facebook, mas também pela Igreja, sob pena de sanções etc.

Nesse sentido, uma inovação tecnológica como o Facebook, em sua concepção, traz introjetada “usos prescritos” a um “usuário virtual” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011): os designers da plataforma imaginam os possíveis usuários e os usos que serão dados ao objeto tecnológico e, assim, configuram usuários e usos determinados, integrando em seu próprio projeto determinadas pré-definições quanto às formas de usar, aos usuários-alvo, a certos arranjos de elementos operacionais e funcionais etc. No caso acima, isso se dá em dois níveis: do Facebook com relação ao usuário-News.va Português, e da página News.va Português com relação aos usuários em geral. Usuários e usos, portanto, encontram-se inscritos no próprio dispositivo (seja ele técnico, como o Facebook, seja ele simbólico, como a página News.va Português). O programador visa a “disciplinar a utilização”, indicando “bons usos” e proibindo os “maus usos”, promovendo, enfim, “determinações sociais dos usos” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011). Como afirma Scolari (2004, p. 239), “cremos usar as interfaces, mas na realidade também elas estão nos modelando”.

Por outro lado, não é apenas a tecnologia que se transforma a partir dos usos dos agentes, mas estes também vão se modificando subjetiva, social e cognitivamente – e, a partir disso, modificando também os seus usos – mediante sua interação com a tecnologia dentro de seus limites e possibilidades. Ou seja, os usuários, como a Igreja com relação ao Facebook, não se sujeitam passivamente às configurações do dispositivo, mas, a partir de seus desejos e necessidades, efetuam reações e resistências, que, por sua vez, podem levar o dispositivo a novos patamares (até mesmo gerando melhorias técnicas, caso efetivadas por seus designers e programadores), ou o abandonam em busca de outros dispositivos que melhor respondam às suas vontades. Assim, diante dos limites e possibilidades que podem ser retraçados na tecnologia, é possível inferir também o seu “designer/programador virtual”, percebendo o contexto de produção (valores, ideologias, objetivos) do qual surgiu tal plataforma.

Em suma: a criatividade social – neste caso manifestada por uma apropriação de uma plataforma tecnológica por parte de uma instituição social como a Igreja – se expressa mediante invenções sobre determinadas tecnologias, e, por outro lado, a inovação tecnológica é prática e contextualmente social. Há, portanto, uma hibridação, uma dupla mediação: técnica, pois a plataforma molda e estrutura determinadas práticas sociais; mas também e ao mesmo tempo social, visto que os usos sociais, por sua vez, moldam e reestruturam a técnica.

Assim, em um primeiro nível, é possível falar de uma certa tecnicização do ato de comunicação e das relações socioreligiosas pela simples presença de tecnologias que condicionam as relações sociais. A plataforma Facebook molda, organiza e estrutura as práticas comunicacionais católicas (inclusive em seu mais alto nível institucional), valorizando certos aspectos e elementos da comunicação em detrimento de outros. Por outro lado, em sentido oposto, também é possível constatar uma socialização dos usos tecnológicos, visto que a multiplicidade de ações e práticas sociais a partir das tecnologias promovem invenções criativas, que podem levar a restrições de usos ou a “novas inovações”. Invenção social e inovação tecnológica, portanto, se articulam e se complexificam.

Os usos, nesse sentido, podem ser entendidos como as experiências individuais e sociais dos diversos sujeitos sobre a tecnologia: ou seja, “o que as pessoas fazem efetivamente com os objetos e dispositivos técnicos” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011, p. 24). Por se darem hoje em um contexto organizacional sócio-histórico e cognitivo específico, os usos sociais também revelam significações culturais complexas e novas questões políticas e éticas de uma sociedade altamente conectada. Podemos, assim, falar de uma apropriação social das tecnologias da comunicação – como as redes digitais por parte de fiéis católicos ou da própria instituição-Igreja – por meio da qual se expressa a autonomia própria dos diversos sujeitos sociais na modernidade. A apropriação se apresenta como um processo de constituição pessoal e social, “uma matriz técnica e cognitiva do objeto, integração significativa e criadora do uso na vida cotidiana, possibilidades de reinvenção do uso e de participação no próprio processo de inovação sociotécnica” (Ibid., p. 25).

Contudo, os usos e as lógicas de uso das tecnologias, por não serem neutros, se situam em um contexto específico de práticas sociais e devem ser analisados a partir dessa

perspectiva. Pois o usuário investe uma tecnologia específica de significações subjetivas, inscrevendo-a em um sistema de relações e valores sociais específicos – em nosso caso, microculturas religiosas. Por outro lado, os usos se inscrevem em uma história já constituída de práticas sociais e comunicacionais específicas, neste caso a interface entre o catolicismo brasileiro e sua relação com a comunicação digital em rede. Nesse sentido, as experimentações religiosas na internet, em suas “práticas bricoladoras” (CERTEAU, 2012), apontam para novas formas de constituição e construção das identidades religiosas, pessoais ou coletivas.

3 Novas práticas religiosas e a experimentação religiosa em rede

Nas redes sociodigitais, ocorre uma experimentação religiosa, que se caracteriza pelas manifestações sociais públicas sobre o religioso, delineando uma prática religiosa específica das sociedades em midiatização. Especificamente, a plataforma Facebook, ao conectar os usuários mediante suas redes digitais, lhes confere a capacidade de produzir uma palavra pública e de agir também publicamente sobre o fenômeno religioso. Em rede, a sociedade diz “isto é católico”, “isto não é”: não apenas a instituição religiosa, mas também os próprios fiéis comuns tomam a palavra publicamente e dizem o “*católico*” *mediaticamente* para a sociedade em geral. Em suma, os usuários fazem e dizem algo para além da oferta religiosa disponível na internet, em termos de circulação e reconstrução dos sentidos e discursos religiosos católicos, nos fluxos comunicacionais do ambiente digital.

Assim, para além dos usos individuais e sociais das tecnologias, é preciso analisar também as “práticas pessoais e sociais dos indivíduos que agem no tecido organizacional” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011, p. 25), como as práticas religiosas. Por práticas, entendemos o “quadro de exercício de uma atividade” social (Ibid., p. 83), como as ações e gestos religiosos compartilhados por uma comunidade específica. Em nosso caso, o uso das plataformas digitais para as práticas religiosas faz surgir elementos de novidade, que geram efeitos tanto sobre o próprio processo de apropriação das redes sociais, quanto sobre a prática religiosa em seus desdobramentos sociossimbólicos.

No caso do Facebook, possibilita-se uma democratização da expertise religiosa – que agora também passa a estar, de forma pública, nas mãos de “amadores” ou “profanos”, em contraste com os “profissionais” ou “especialistas” religiosos – e uma multiplicação das zonas de contato entre a instituição religiosa e a sociedade civil. Assim, fiéis, não fiéis ou infiéis, nas redes digitais, constroem o reconhecimento de sua credibilidade dentro da esfera social, buscando mudar as práticas em vigor na instituição e transformar o que é percebido como “fato” no campo católico.

Surge, assim, um novo posicionamento dos fiéis, não apenas como meros “ouvintes da Palavra”, mas também como “produtores de uma palavra” sobre a fé, que é comunicada nas redes sociodigitais, deixando de ser “palavra pessoal” para ser “palavra social”, ao entrar no fluxo da circulação comunicacional midiática. Entre a instituição eclesial e os fiéis comuns, as páginas “católicas” do Facebook tornam-se filtros que retomam, transformam ou rejeitam as crenças e as práticas da Igreja.

Nesse sentido, o “católico” é formado pelos construtos sociais que circulam nas redes sociais a partir da ação tecnossimbólica de diversos agentes mediante as “contribuições ascendentes” dos usuários (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011). A coevolução, portanto, não é apenas técnica, mas também simbólica: o “católico” é um construto social que não é ofertado apenas por um polo fixo de produção, mas sim ofertado-recebido permanente e simultaneamente entre os agentes sociais, sendo, assim, modificado e reconstruído através das interações sociais e das possibilidades dos protocolos e das interfaces das plataformas técnicas.

É o que Proulx & Choon (2011) chamam de “bricolagens identitárias”, que se manifestam na exposição pessoal dos indivíduos em rede e na sua demanda de reconhecimento, que se fundamenta mais no olhar do “outro” do que na afirmação da sua singularidade subjetiva. Cremos que, no âmbito religioso, o processo é semelhante: a reconstrução pública do “católico” nas redes sociodigitais também manifesta a busca de reconhecimento por parte dos outros (sejam eles fiéis ou infiéis), mas que encontra a sua força justamente na afirmação da singularidade objetiva do catolicismo. Para os usuários, é só porque o catolicismo é “objetivamente” relevante em determinado aspecto (por exemplo, em seu Catecismo) que ele merece ser exposto ao

reconhecimento social.

Hervieu-Léger (2008), embora não aborde centralmente processos midiáticos, fala de um fenômeno semelhante, chamando-o de “bricolagens da fé”, em que “o próprio indivíduo produz, de maneira autônoma, o dispositivo de sentido que lhe permite orientar sua vida e responder às questões últimas de sua existência”, estabelecendo, assim, “um vínculo entre sua solução crente pessoal e uma tradição crente instituída [neste caso, a Igreja Católica] à qual ele se reporta de maneira livre” (p. 156). Como vemos nos processos sociomidiáticos, as crenças e as práticas católicas vão sendo ressignificadas social e culturalmente nas redes sociodigitais. Esse cruzamento de sentidos alimenta a circulação e a reconstrução do “católico”, fomentando o surgimento de um “novo” catolicismo – marcadamente midiaticizado.

Vemos um caso disso na página Catecismo da Igreja Católica⁶. Trata-se de uma página criada em 2009 e administrada por quatro fiéis comuns, sem vinculação oficial explícita com a instituição-Igreja (Fig. 2).



Figura 2 - Detalhe da página Catecismo da Igreja Católica no Facebook

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/catecismobrasil>.

Nela, os administradores publicam trechos de documentos oficiais da Igreja, permitindo um debate público sobre o catolicismo entre os diversos agentes em rede. Às vezes, os responsáveis pela página respondem e debatem com os demais usuários, assumindo um papel de “especialistas religiosos” na economia de vínculos de sentido com seus leitores. No total, mais de 63 mil pessoas “curtiram” a página⁷, ou seja, manifestaram, mediante um protocolo específico da plataforma Facebook, a sua confirmação e aderência à proposta da página (ao clicar em “curtir”, uma das funcionalidades da plataforma é automaticamente publicar notificações no perfil pessoal do usuário quando há qualquer nova atividade da página “curtida”, facilitando a circulação e o acesso aos novos conteúdos).

Como detalhe de não pouco significado, o número de “curtidores” dessa página amadora e oficiosa ultrapassa em grande quantidade os “curtidores” da página oficial da Igreja supracitada, News.va Português (que soma pouco mais de 9 mil “curtidas”). Assim, as interações comunicacionais entre os usuários e as páginas do Facebook revelam que são as próprias pessoas que reconhecem a competência e a experiência dessas páginas como “especialistas” (ou até mesmo como “autoridades”) na sua proposta, não apenas ao visitá-las, mas também ao “curti-las” e principalmente ao entrar em diálogo com seus responsáveis nos comentários de cada postagem.

É neste último caso que a sociedade, representada pelos diversos usuários concretos que acessam as páginas em questão, reconhecem-nas como especialistas dotados de experiência, legitimidade e competência específicas nas suas propostas. O fato de o usuário entrar em diálogo com determinada página explicita e ratifica a legitimidade dela no ecossistema comunicacional específico. O usuário escreve à página porque reconhece nela (ou visa a criticar nela a falta de) uma competência particular na temática em questão e porque vê em sua plataforma a explicitação de um formato interacional específico; por outro lado, a resposta da página ao usuário ratifica e reforça essa valorização simbólica junto aos demais usuários. Essa interação sociodigital é marcada pela contribuição entre os participantes, ou seja, pela “realização de atividades coletivas orientadas ao tratamento da informação e a produção de conhecimento [religioso] pelos participantes continuamente conectados e

⁷ Dados contabilizados em novembro de 2013.

mutuamente acessíveis” (LICOPPE, PROULX & CUDICIO, 2010, p. 249).

O que se percebe nas redes sociais digitais é justamente o apagamento das fronteiras entre usuários e desenvolvedores dos sistemas, e também entre especialistas religiosos e fiéis amadores, mediante práticas conectadas e cooperativas na internet, isto é, formas de participação e de cooperação dos usuários em rede. Há um contexto de reinvenção dos modelos de inovação sociotécnica mediante “práticas bricoladoras”: bricolagem esta que se faz sobre o social (no caso, a religião) e também sobre a própria tecnologia, a partir dos usos sociais. Assim, os usuários agora também podem (e são convocados a) criar, remixar e compartilhar conteúdos em dispositivos sociotécnicos de fácil utilização. Em nível social, técnico ou simbólico, portanto, os agentes podem intervir nas plataformas mediante diversas ações: deslocamento ou desvio no espectro dos usos previstos; adaptação ou extensão das funções técnicas ou elementos sociossimbólicos para responderem a necessidades e desejos específicos.

Em alguns aspectos, essa reconstrução revela uma forma de resistir às próprias normas institucionais da Igreja e ao clima “ideológico” dominante no interior da instituição, que, em geral, não oferece espaços institucionais de debate e de tomada da palavra por parte das diversas minorias religiosas que compõem o catolicismo como um todo. Por outro lado, “a economia digital que assujeita o usuário contribuinte lhe oferece, paradoxalmente, meios para resistir” (PROULX & CHOON, 2011, p. 110). Essa resistência pode assumir a forma de “práticas militantes” presentes nas redes sociodigitais, como formas de resistir à vigilância, tanto individual quanto coletivamente.

Isso permite perceber o Facebook, em nosso caso de pesquisa, como um “espaço alternativo para os atores sociais inventivos, um espaço que oferece, então, a possibilidade às minorias e aos sem voz de tomar mais a palavra” (PROULX & CHOON, 2011, p. 110). Esse é o caso da página Diversidade Católica⁸, em que fiéis que formam uma “minorias gay” na Igreja Católica se apropriam do Facebook como um ambiente de engajamento teopolítico (Fig. 3).

⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/diversidadecatolica>.



Figura 3 - Detalhe da página Diversidade Católica no Facebook

Essa singularidade subjetiva específica (“católico gay”) agora se afirma socialmente mediante usos sociais do Facebook e práticas cultural-religiosas que favorecem a emergência de comunidades colaborativas, em reação à vigilância, à ordem e até mesmo à violência simbólica imposta pela Igreja-instituição. Na interação entre a plataforma tecnológica e as práticas sociais nela desenvolvidas, emerge um poder individual e social de crítica pública efetiva sobre um campo social específico (a religião), permitindo o desvio e o deslocamento do curso da reprodução social das relações de poder nesse mesmo campo. Mesmo que essa reação ocorra dentro dos marcos condicionantes (mas não determinantes) da plataforma Facebook e da instituição católica (ao se definirem justamente como “Diversidade Católica”), surgem, mediante invenções sociais decorrentes das interações em rede, usos emancipatórios das redes sociodigitais e práticas religiosas desviantes, como a desconstrução e a desnaturalização de crenças, práticas e

estereótipos veiculados pelas lógicas católicas dominantes.

Proulx & Choon (2011) fazem referência a Certeau, questionando se essas ações dos usuários não seriam também “táticas” mais elaboradas de desvio que complicam, ou mesmo anulam a eficácia do controle institucional. É interessante retomar a obra original de Certeau (2012), ao se questionar, perante suas preocupações de pesquisa à época, sobre o que os “consumidores” faziam com os produtos midiáticos. Atualizando o pensamento do autor para o fenômeno da midiaticização digital, podemos dizer que, para além da “produção” midiática eclesial, existe outra “produção” ubíqua, em rede, que se faz notar não apenas pelas suas maneiras de empregar o que já está “produzido” midiaticamente sobre a religião pela ordem institucional, mas também nas suas produções próprias, que circulam em rede. Se Certeau (2012) podia falar em uma “multiplicidade de ‘táticas’ articuladas”, muito mais hoje, na época da conectividade, é possível falar em uma multiplicidade de táticas, práticas e produções conectadas sobre a religião e o “católico”, visível e rastreável nas marcas discursivas e nos gestos comunicacionais de circulação e reconstrução de sentido nas redes sociodigitais.

As diversas bricolagens na economia sócio-tecno-simbólica ocorrem mediante “inumeráveis e infinitesimais metamorfoses” (CERTEAU, 2012, 40), microrresistências constituídas pelas “mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (Ibid., p. 41). Como indica Proulx (2012b, p. 1), manifesta-se, nesses casos, uma “potência de agir” (*puissance d’agir*), que se expressa como uma capacidade de agir (entendida como um saber-resistir à dominação mediante a organização de um empowerment cidadão) conectada com um desejo de existir em um mundo fortemente conectado.

Essa potência de agir se expressa no que chamamos de reconexões, ou seja, conexões “novas”, “ultraconexões” realizadas pelos agentes em rede que vão além do já dado em termos sociais, tecnológicos ou simbólicos sobre o religioso, e nas quais que se manifesta a reconstrução social (construção e desconstrução) do “católico” – por meio de ações de invenção (negociação) e subversão (oposição) – nos processos de circulação comunicacional em rede. Portanto, as reconexões permitem partir de algo já dado e chegar a algo novo (invenção, in + venire), híbrido, heterogêneo. Assim como toda rede é uma ação de conexão, um trabalho em rede

(network), que se dão a partir de condicionamentos do dispositivo (interfaces, protocolos), as conexões não existe “em si mesmas”, mas são construídas e mantidas constantemente pela ação social de comunicação. Elas existem enquanto relações de poder, disputas por controle, ações de reconstrução por parte dos indivíduos em rede.

O caso abaixo nos ajuda a entender do que se trata quando falamos de reconexões. No dia 8 de agosto de 2013, a página Diversidade Católica publicou a seguinte mensagem: “É preciso questionar um Deus criado à imagem e semelhança... de quem?”. E, logo abaixo, uma imagem com a frase em inglês: “*I met God, She’s black*” (“Eu encontrei Deus. Ela é negra”) (Fig. 4).



Figura 4 - Mensagem postada na página Diversidade Católica

Nesse gesto corriqueiro e comum da economia das redes sociodigitais (a postagem de mensagens), podemos entrever, primeiramente, uma ação de reconexão social: com a publicação da mensagem, a página põe-se em contato com seus diversos leitores; destes, 11 pessoas “curtiram” o conteúdo, e outras três o compartilharam, gerando assim novas conexões, novos circuitos da circulação sociocomunicacional (BRAGA, 2012). Por outro

lado, os administradores da página realizam uma apropriação muito específica da plataforma Facebook, gerando uma reconexão técnica ao convertê-lo em ambiente de disputa de sentidos teológico-político-eclesiais, promovendo um uso determinado das processualidades técnicas do Facebook como elemento da prática religiosa: conectam de modo novo, portanto, o Facebook com a religião. Por fim, os administradores realizam uma reconexão simbólica, ao conectar de modo novo uma determinada visão do sagrado (deus + mulher), convertendo o Facebook em ambiente de reconstrução teológico-eclesial.

Essas reconexões se expressam como táticas dos usuários perante as estratégias do dispositivo comunicacional e eclesial, por meio das quais se revela a capacidade criativa e autônoma dos indivíduos em suas ações comunicacionais em rede. Como táticas do usuário, as reconexões marcam criativa e socialmente uma distância e uma fronteira em um ambiente fornecido de antemão pelo dispositivo comunicacional ou mesmo pela instituição eclesial. Isso se dá mediante disputas de poder simbólico, que se manifestam também em termos de bricolagem, diferença, variação, desvio e metamorfose das interfaces e dos protocolos existentes, em um processo de transformações contínuas, que apontam também para uma resistência moral, sociotécnica e teopolítica perante o dispositivo comunicacional e eclesial. Trata-se de modalidades de resistência, ou seja, “a reação múltipla, diversa, criativa e sempre ativa que os cidadãos, os usuários, os públicos dão às ofertas tecnológicas [e simbólicas] que lhes são feitas” (LAULAN apud JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011, p. 51).

A partir das análises de Licoppe, Proulx & Cudicio (2010), podemos dizer que as reconexões são uma modalidade simétrica de divisão do trabalho de produção de sentido, pois dois ou mais interagentes “produzem um conhecimento novo e que emerge das suas trocas comunicacionais” (p. 243). Não se trata meramente da transmissão de conteúdo das páginas do Facebook, por exemplo, aos seus leitores, mas sim de uma coprodução de sentido, em que a página, ao postar algo, desencadeia ações outras por parte dos demais usuários (como as “curtidas” ou os “compartilhamentos”) que se darão na própria página ou fora dela, e que, por sua vez, afetarão as potenciais novas ações dos demais proceptores das diversas microrredes.

4. Conclusão: A reconstrução do “católico” e os novos fluxos de circulação midiática

No fluxo comunicacional de sentidos incessante que marca as mídias digitais, o “católico” é uma complexa construção social a partir dos mais variados polos da circulação comunicacional, em que indivíduos e instituições não se detêm mais a papéis fixos de “produção” e “recepção”, mas se constituem enquanto tais justamente em sua “ação circulatória”. Os novos circuitos de circulação comunicacional que surgem a partir dos dispositivos sociodigitais possibilitam a aceleração e a maior abrangência da disseminação de conteúdos por parte dos usuários.

Em sociedades em midiatização, a religião – como campo social – é um “resultado efêmero e aleatório de práticas sociais” (JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011, p. 105) específicas, que ocorrem no âmbito das redes digitais. O “católico”, nas interações em rede, mais do que uma intuição individual, torna-se crença e prática discutidas e debatidas socialmente, mediante zonas de contato possibilitadas pelas plataformas digitais para a constituição de redes e de trocas simbólicas. Cada usuário torna-se assim um elemento constituinte e complexificador da pluralidade católica dispersa na rede, agora detentora de meios acessíveis e públicos para manifestar e expandir sua capacidade criativa. “Na internet, o fiel não apenas é coconstrutor de sua fé, mas também realiza um ‘trabalho criativo’ sobre a própria religião como um todo, *tensionando a ‘interface eclesial’*” (SBARDELOTTO, 2012, p. 307).

Podemos dizer com Cardon (apud JAURÉGUIBERRY & PROULX, 2011) que o “católico” em rede passa por uma “*inovação ascendente*”, proveniente não da cúpula eclesial, mas sim de suas “bases conectadas”, formadas por usuários iniciantes, contribuintes ou reformadores do “católico”, que propagam suas invenções sobre o “católico” a redes mais amplas de pessoas mediante gestos de cooperação. Assim, diferentemente da circulação material, que pressupunha a possível destruição de determinado produto em seu consumo, os construtos sociais postos em circulação comunicacional em rede não apenas não se destroem, mas sofrem até uma complexificação social, técnica e simbólica nos fluxos e nos circuitos de sentidos. Em rede, a própria circulação e as interações sociais que se formam para dar-lhe movimento tornam-se mais importantes do que a própria natureza dos bens comunicacionais

que são “circulados”.

Além disso, é possível dizer que, nas práticas religiosas em rede, a possibilidade de dizer o “católico” publicamente, nos ambientes digitais, por parte dos fiéis comuns, também é uma ação propriamente teopolítica de publicização, visibilização, reconhecimento e legitimação de minorias eclesiais ou de crenças e práticas católicas minoritárias. Nessas novas modalidades de tomada da palavra e de engajamento eclesial por parte do fiel leigo, rompe-se, de certa forma, o exercício da autoridade tradicional dos “especialistas” religiosos, dando espaço a formas cooperativas de produção de sentido a partir da proliferação de redes de saberes religiosos criados e compartilhados por fiéis leigos comuns.

Nessa “multiplicidade de microesferas [religiosas] públicas digitais, plurais, heterogêneas, contraditórias” (PROULX, 2012a, p. 6), a participação midiática ativa e potencializa a participação e o engajamento político-eclesial, em que a visibilização e a publicização midiática das crenças e práticas de determinados grupos católicos levam ao reconhecimento social e à aquisição de poder desses grupos na esfera pública e socioeclesial – mesmo que nem sempre na esfera institucional dominante. Isso aponta para o fato de que, em rede, a liberdade e a autonomia sociais católicas se contrapõem ao poder e ao controle institucionais católicos (SBARDELOTTO, 2013). A rede nos ajuda a pensar a liberdade e a autonomia “como produção e como relação, e, indissociavelmente, a pensar a liberdade como produtividade, como capacidade prática de ser afetado e de produzir efeitos” (VIDAL apud PROULX, 2012a, p. 5).

Portanto, não se trata mais de um processo histórico em que a própria instituição eclesial dominante define institucionalmente o quadro em que o agente social pode se expressar ou resistir (como no caso das heresias e de suas consequentes penalidades). Mais do que tal processo de individuação por parte da instituição, cremos estar diante de um processo de subjetivação e autonomização dos próprios agentes sociais mediante lógicas midiáticas que embebem a produção pública de uma palavra autônoma sobre o “católico”, por meio de práticas de resistência e de afirmação. E isso também por parte dos “sem voz”, dos “sem parte”, dos “subalternos”, das “periferias” sociais e eclesiais.

A circulação sociodigital, em suma, permite a visualização da construção do “texto

mediático”, ou seja, da totalidade fenomenológica dos processos de comunicação em rede, das complexas relações entre os indivíduos conectados, os coletivos de agentes sociais em rede, os conteúdos, discursos e símbolos produzidos e compartilhados, os protocolos e interfaces do dispositivo conexial. Indo além de uma análise meramente tecnológica ou computacional das chamadas “redes sociais”, reconhecemos que a essência das redes não está apenas na rede, mas em seus complexos modos de apropriação pela sociedade. E a interface religiosa é um âmbito privilegiado – embora ainda fortemente negligenciado – para a análise desses processos.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação e midiaticização*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 31-52.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JAU RÉGUIBERRY, Francis; PROULX, Serge. *Usages et enjeux des technologies de communication*. Toulouse: Érès, 2011.

LICOPPE, Christian; PROULX, Serge; CUDICIO, Renato. Contribution et coopération à distance via l’usage de messageries instantanées en entreprise. In: MILLERAND, Florence; PROULX, Serge; RUEFF, Julien (orgs.). *Web social : Mutation de la communication*. Québec: Presses de l’Université du Québec, 2010, p. 233-252.

MILLERAND, Florence; PROULX, Serge; RUEFF, Julien (orgs.). *Web social : Mutation de la communication*. Québec: Presses de l’Université du Québec, 2010.

PROULX, Serge. La puissance d’agir d’une culture de la contribution face à l’emprise d’un capitalisme informationnel : premières réflexions. In: CONSTANTOPOULOU, Christiana. *Barbaries contemporaines*. L’Harmattan: Paris, 2012a, p. 1-9.

_____. La puissance d’agir des citoyens dans un monde fortement connecté. In: *Colloque d’Agadir: Usages et pratiques des publics dans les pays du Sud : des médias classiques aux TIC*, Agadir, 2012b, p. 1-17.

PROULX, Serge; MILLERAND, Florence. Le Web social, au carrefour de multiples questionnements. In: MILLERAND, Florence; PROULX, Serge; RUEFF, Julien (orgs.). Web social : Mutation de la communication. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2010, p. 13-32.

PROULX, Serge; CHOON, Mary J. K. L'usage des réseaux sociaux numériques : une intériorisation douce et progressive du contrôle social. Hermès, Paris, n. 59, p. 105-112, 2011.

SBARDELOTTO, Moisés. E o Verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida: Santuário, 2012.

_____. Midiamorfose da fé: Continuidades e transformações da religiosidade na internet. In: GOMES, Pedro G.; FAUSTO NETO, Antônio; SBARDELOTTO, Moisés; SOUSA, Thamiris Magalhães de. (orgs.). Mídias e religiões: A comunicação e a fé em sociedades em mediação. 2ª ed. São Leopoldo: Unisinos/Casa Leiria, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/hkXYym>>.

SCOLARI, Carlos. Hacer clic: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales. Barcelona: Gedisa, 2004.